

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

21 de Junho de 1997 • Ano LIV - N.º 1390
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

CALVÁRIO

A moderação não faria mal a ninguém

ESTAMOS chegados à época das festas. Os arraiais que as assinalam, dão mais vivacidade a estas verdejantes terras do Norte. Os jornaes falam em cerca de quinhentas romarias no Minho durante o período estival. Uma fartura!

A festa é, na verdade, algo necessário à vida do homem, para exprimir sentimentos de alegria, proporcionar comunhão com os outros, servir de pausa na labuta ordinária e fazer ganhar mais coragem para enfrentar a vida.

Tudo isto é positivo e desejável. Os Santos, que no calendário servem de pretexto, ficariam contentes se assim fosse. Mas creio bem que não. Tristes e magoados com o aproveitamento das suas imagens, isso sim.

Os homens têm o condão de estragar aquilo que é bom. *Corruptio optimi pessima* — diz o ditado latino.

Diante das capelas, das igrejas, dos santuários monta-se a tenda da comida, do divertimento, do bazar das mil e uma coisas.



O sr. Emídio, do doente do Calvário.

Instala-se o palanque com sonorização moderna onde os instrumentos musicais vibram, os artistas gritam e à volta do qual o povo aplaude extasiado.

O barulho, às vezes infernal, difunde-se pelo dia fora, pela noite dentro e parece nunca mais terminar.

Os foguetes estalam. Começam pela manhã em alvorada e vão até noite alta em artificios. Tudo abana, tudo treme com os estrondos.

O exagero é fruto deste ver quem mais foguetes deita. Trata-se de um verdadeiro

campeonato de fogo. E nesta competição há freguesias de primeira e segunda categoria.

O montante gasto nestas alturas é uma verdadeira ofensa ao viver de muitos. Se se pede ajuda para anparar uma família pobre, raros dão. Mas para a festa todos sentem obrigação de o fazer, pois parece mal não contribuir. E as bolsas abrem-se generosamente.

Há dias, uns senhores, mordomos com livro de assento de dádivas na mão, passam por mim e pedem oferta para a festa do seu Santo. Encaro-os admirado e respondo simplesmente:

Continua a página 4



Paço de Sousa — Dos mais pequenos aos maiores, aqui brincam nas horas livres.

Voz decidida e firme de Pai Américo

DESDE alguns anos, já, uma campanha, vinda não sei de que profundezas pouco dadas à luz do dia, se tem ocupado em desfeitear as Instituições que acolhem e abrigam crianças e jovens, algumas, antigas, com nomes da época pouco simpáticos, é verdade, mas em mudança e, hoje, sob a designação genérica de Lares. É verdade,

também, que nem todas o são. Mas sente-se uma preocupação mais assumida de evoluir no sentido de o serem. Assim abundassem os agentes capazes de uma tal evolução!

Ora se alguém neste País, há sessenta anos, levantou a voz por esta meta, voz decidida e firme sem bater em ninguém, foi Pai Américo: «*Todo o regresso a Nazaré*

é progresso social cristão». Nazaré é o Lar perfeito por excelência porque quem nele impera é o Amor.

E desde então, quanta abertura, quão mais humanos se tornaram os costumes e mais calorosas as relações dentro de muitas dessas Instituições! Graças a Deus!

Mas também, desde então, tem decaído a instituição familiar, arrastando a estabili-

dade e segurança que lhe competem na decadência do compromisso conjugal e do sentido de responsabilidade parental; e se assiste a uma permissividade social e política reveladora de quão longe de Nazaré anda o mundo!

Pois o tal rumor das profundezas sibila na área onde os técnicos se formam e faz escola, consequentemente, no patamar oficial onde eles

se movem e proferem juízos destes: «*É preferível a pior família à melhor das Instituições*».

Desta teoria se segue que, para tantos, cada vez mais casos de crianças em situação de risco e de abandono pelos familiares, se têm procurado soluções transitórias, desde o adiar puro e simples até ao recurso de famílias de acolhimento, remédio prestável em situações específicas, se aplicado com bom senso, sem ingenuidade.

O pior é que as famílias de origem continuam *doentes* (pois se em tantas delas, com grande probabilidade, o mal é incurável!), os meninos vão crescendo e dando novos trabalhos que cansam e causam desânimo nas famílias de acolhimento — e ei-los em mudança de umas para outras como se fossem roupa de pendurar em um qualquer cabide.

Depressa chega a adolescência e aí é que já não há mais solução que não seja bater à porta das Instituições classificadas como Lares (ainda que nem todas o sejam, mas muitas se coloquem — Deus as ajude! — em vias de o ser).

Continua na página 4

Festas

Setúbal

A engrenagem das Festas agora montada só precisa que o motor trabalhe. Neste ponto cada representação é já um prazer em vez de um esforço.

O Guilherme veio refilar comigo que não lhe desse o ponto que isso o atrapalhava. Ora é isto que fazem os artistas. Dispensam o ponto.

Aveiro recebeu-nos com a fidalguia própria das gentes do Vouga. O Hotel Imperial com refeições para a equipa que seguiu de madrugada montar cenários, luz e som e preparar o palco. No Bom Sucesso o restaurante Abílio dos Frangos serviu um fidalgo jantar aos setenta que integram o espectáculo, recebendo-nos com um enorme bolo logo à entrada, magnificamente decorado com os dizeres — «Festa dos Gaiatos» — incedível carinho dos donos, três pratos com sobremesa e doces. Completo estágio preparativo do espírito dos rapazes para a Festa.

Estiveram o Bispo da Diocese e muitos sacerdotes aplaudindo, agradecendo, acarinhando. Os Vicentinos são também alma da Festa com a organização e serviço da ceia e recolha de produtos criados na Região que encheram completamente as bagageiras do autocarro.

Na Moita do Ribatejo tudo decorreu no excelente nível do ano passado. O casal Coimbra, a Comunidade católica, Padre Fernando Belo e a Direcção da Capricho, não omitiram o mais pequeno pormenor. Com a casa completamente cheia o sucesso foi alcançado.

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

OBRA FEITA! — Era um fim de tarde. Arrulhavam pombas, no beiral. Sinal de paz. Esvoaçavam andorinhas, com arte. Algumas têm ninhos na residência dum lavrador — que as estima.

Este quadro da Natureza... estimulou-nos a caminhar rumo à obra encetada na casa da velhinha, aqui falada há um mês, parte da qual estava na iminência de derrocada.

Fomos ver o trabalho. Pagar a conta ao mestre d'obras. E levámos na alma o telefonema duma assinante d'O GAIATO, da Capital: «Sou empresária da construção civil. O preço da obra (500 contos) é económico. Ajudo na recuperação da casa com duzentos mil escudos. Não posso dar mais. Peço anonimato» — acentua.

A velhinha rejubila com a nossa visita, inesperada. Mais ainda com a obra feita:

— *Andávamos tão aflitos! Cheinhos de medo...! Agora, isto está muito bem graças à Senhor, meu Deus!*

PARTILHA — Desta feita, dividimos a partilha em duas partes:

Recuperação da casa da velhinha — Duzentos mil escudos da assinante d'O GAIATO, que em seu cartãozinho, pede anonimato bem destacado. Vinte mil, da assinante 60520, do Porto: «Senti a necessidade de partilhar para que a casa seja reconstruída o mais rapidamente possível e nela possam viver, com segurança, quem nela habita». Cinco mil, da assinante 35019, de Portela da Ajuda (Carnaxide): «Para a obra urgente, um pequenino donativo ao qual junto o desejo de que muitos outros cheguem para o mesmo fim e a obra seja uma realidade». Dez mil, da assinante 66815, de Cortes (Monção): «Migalha para a senhora que tinha a casa a cair. Não é muito, mas de boa vontade». Outros dez mil escudos, da assinante 31254, de Fiães (Feira): «Para ajudar na compra de cimento para o restauro da casa da velhinha e do enteado. Migalhinha a juntar às que vão aparecer. Agradeço anonimato». Mais cinco mil, do assinante 32872, de Vale da Madre: «Acabo de ler o vosso apelo e mando uma pequena ajuda, pois sou pobre e deficiente. Tenho uma residência modesta, sem luxo mas confortável. Consegui recuperá-la também com várias ajudas; e, por isso, compreendo as dificuldades que hoje se apresentam a quem tenta já não digo construir, mas recuperar uma casinha». São pequeninos nacos de cartas pujantes de vida espiritual. Fé que move montanhas...!

Na procissão também seguem outras presenças, de sempre: assinante 42971, de Ovar: «Não precisamos de agradecer». Lembrança, de Maio, da «avó dos cinco netinhos». E o contributo mensal pela mão da assinante 31104, de Lisboa:

«Comove-me extraordinariamente a carência dos que precisam de medicamentos e não têm meios para os comprar. São muito caros! Eu não mando muito, mas faço o que posso». Há tantos anos! Tudo registado no Livro da Vida.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Associação de Antigos Gaiatos e familiares do Centro

ENCONTROS — No dia 25 de Maio realizámos o nosso Encontro nas instalações do Hospital Rovisco Pais, na Tocha, excelente espaço de lazer. Só não passámos um dia que poderíamos classificar de magnífico porque o tempo não ajudou. Começou a chover ao meio-dia e só parou ao fim da tarde.

Mesmo assim, as 40 pessoas presentes deram o tempo por bem empregue e não se cansaram de elogiar a escolha do local e o bom convívio.

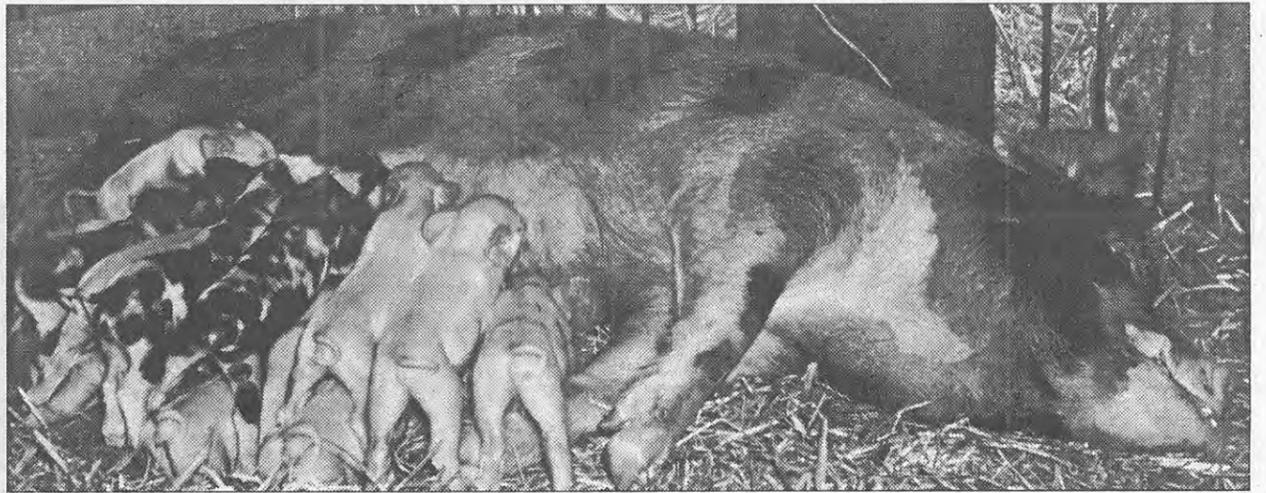
A Missa foi celebrada na Capela pelo nosso Padre Horácio. Fez questão de estar entre nós.

Houve um pequeno passatempo de variedades, terminando assim um dia para recordar.

Não queremos deixar de agradecer à Direcção dessa instituição as facilidades concedidas. Bem hajam.

Quando ao nosso Encontro Anual, em 29 do corrente, em Miranda do Corvo, não queremos deixar de voltar a lembrar os mais distraídos: contamos com o maior número de presenças para podermos rever e relembrar muitos antigos companheiros, bem como episódios sempre engraçados, mesmo que no momento tenham sido pouco agradáveis.

Não precisam de levar almoço. Apenas pedimos uma



O assinante 19818, de Tomar, afirma: «Certo dia, em Paço de Sousa, os gaiatos pegaram-nos pela mão e levaram-nos a ver 'a porca com filhotes'. A minha mulher reparou que havia um a mais para o número de mamilos da mãe, mas não sei se seria mesmo assim...»

pequena colaboração lambareira para a merenda. Queremos é a vossa presença.

Se ainda não estás a par das obras de remodelação ali operadas, vem porque ficarás admirado. Verás uma mini-Aldeia agradável, que deixará de ser a menos vistosa de todas as Casas do Gaiato.

Esperamos passar um dia diferente. Procuraremos divertir-nos, bem como os da Casa, para que todos se sintam bem e valha a pena a visita. Aparece e não te desculpes!

Não queremos deixar de lembrar, apesar de já ter sido divulgado no último Jornal, que perdemos mais um colega, o Abílio, que muitos conheceram e era portador de uma doença conhecida por «doença dos pézinhos». Paz à sua alma.

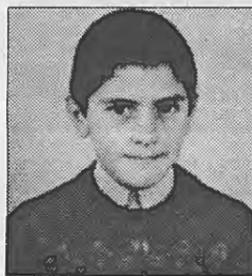
Manuel dos Santos Machado

PAÇO DE SOUSA

TEMPO — Temos tido um tempo chuvoso, no mês de Junho, que destrói muitas coisas, por exemplo, a fruta das árvores, pronta a ser colhida.

RETALHOS DE VIDA

Bruno



Olá! Sou o Bruno Miguel Ferraz da Silva, conhecido, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, por «Espanhol» — nome que a malta me pôs.

Nasci em 18 de Agosto de 1985 em S. Pedro da Cova (Gondomar) e aí também baptizado. Tenho, portanto, onze anos.

Não conheci o meu pai... Fomos criados ao deus dará. Fugíamos à Escola e mexíamos em muita coisa... Até que, por fim, alguém se lembrou de nos trazer, a mim e a meu irmão, para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, em 24 de Setembro de 1996.

Estou aqui há pouco tempo. Mas gosto muito da nossa Aldeia — tão bonita! Frequento a terceira-classe do Ensino Básico. E sou adepto do Benfica.

Bruno Miguel

Há-de chegar a vez do tempo melhorar, que os dias de praia estão próximos...

PRIMEIRA COMUNHÃO

— Em dia 29 de Maio, festa do Corpo de Deus, ocorreu em nossa Capela a primeira Comunhão de dez rapazes. Depois da Missa, como é habitual, organizámos a Procissão que desfilou pela nossa Aldeia.

EXCURSÕES — Temos recebido a visita de centenas de Amigos. É um encanto como as pessoas olham, impressionadas, para o conjunto da nossa Aldeia.

Muitos jovens sentir-se-iam bem se vivessem numa Aldeia como a nossa.

Rui Manuel

DESPORTO — Em 24 de Maio fomos a Pedrouços. Na primeira parte fizemos um bom jogo com lances de golo para ambas as equipas.

Na segunda, entrámos a perder por 1-0. As coisas mudaram, o terreno (relvado) pesado, pois os nossos jogadores não estão habituados à relva, e o desgaste na primeira parte. Final do jogo: 4-1.

A 1 de Junho recebemos o F. C. Mouriz. Bom futebol e muitos golos. No final do primeiro tempo perdíamos por 2-3. De volta aos balneários, o treinador falou aos jogadores: o resultado teria de ser outro porque tínhamos perdido o último jogo e pediu aos atletas para jogarem ao primeiro toque e rematarem mais. Vencemos por 4-3.

A 7 de Junho recebemos os jovens do Centro Juvenil de Campanhã. De manhã, visitaram as nossas instalações. Depois, almoçaram no refeitório. À tarde, realizaram um jogo de futebol com os iniciados. Houve grandes jogadas entre ambas as equipas, mas a vitória coube à da casa, por mérito próprio: 5-3.

«Albufeira»

BENGUELA

ESCURTISMO — Alguns rapazes da nossa Aldeia serão integrados no grupo de Escurtismo. Já há mais de um ano que estava planificado. Agora,

vamos à prática. Os que têm mesmo vontade poderão entrar, como disse o nosso Padre Manuel. É preciso perseverança para não desanimarem. O responsável será o Nelito.

Muitos escolheram e quiseram fazer parte da Cruzada Eucarística, cujo responsável é o Lourenço.

BAPTISMO — Outro grupo prepara-se para o Baptismo, para se tornarem discípulos de Jesus, em 16 de Julho, dia em que Pai Américo foi chamado para o Céu.

Também estamos contentes com estes nossos irmãos que serão baptizados.

ACÓLITOS — Temos sete grupos. Cada um tem o seu domingo.

Agostinho

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

CONVÍVIO — Este ano será no dia 20 de Julho, em Paço de Sousa. E tal como no ano passado *deverás trazer o teu farnel para o almoço, copos e toalha. Traz ainda um bolo para os «Batatinhas»*. O vinho será da Casa.

Nesse dia comemoramos o 41.º aniversário da ida de Pai Américo para o Céu.

Procura estar presente. Confraternizarás com todos os companheiros, lembrando os bons tempos que passámos nesta Casa do Gaiato.

Durante a tarde haverá uma reunião para tratarmos assuntos de interesse para a nossa Associação, nomeadamente o que diz respeito à formação de um Lar para a terceira idade.

Não esqueças de pôr as quotas em dia!

PROGRAMA — 9,30 h, concentração à entrada da nossa Aldeia. 10 h, provas de atletismo. 11,30 h, deposição dum ramo de flores na campa de Pai Américo. 12 h, Celebração da Eucaristia.

Fernando Marques

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Quem nos lê, tem verificado e sido testemunha da nossa preocupação com os problemas que afligem os amigos que visitamos.

Temo-los de idade avançada, de meia idade e ainda os jovens que, talvez, mais necessitem de ajuda. São nossa preocupação os que, apesar de todos os vendavais, conseguem continuar os estudos, aos quais tudo tentamos fazer para não ficarem pelo caminho. Temos tido vários casos: Alguns ficaram pelo 9.º ano; outros frequentaram a Universidade. Este último caso é uma neta daquele casal idoso que, para conseguir fazer o 12.º ano passou a dormir em casa de uns amigos. A última vez que os visitámos, a avó pintou-nos o quadro de maneira que ficámos bastante preocupados. Nesse dia abandonámos a residência do casal e entrámos na Igreja, mesmo em frente, para uma visita ao Santíssimo. Porque o senhor sabia da nossa preocupação, pôs no nosso caminho uma Irmãzinha, Criadita dos Pobres, que lida de perto com a jovem e, de vez em quando, também vai a sua casa. Esperámos por ela e falámos da nossa aflicção. A Irmã contou o que se passava, na realidade, e ficámos mais descansados. Afinal não era nada do que a avó tinha dito... Sossegámos.

Recordo que, em tempos, houve alguém que tocado com aquilo que escrevamos, queria tomar conta desta jovem e da irmã dela. Tanto os avós como a mãe não deixaram. A irmã só foi até ao 2.º ano do Ciclo. O irmão não chegou ao 9.º. O resto já sabem porque foi tema da última crónica que escrevemos.

Esta anda no 11.º ano. Pedimos à Irmãzinha para a não perder de vista e prometemos ajudá-la naquilo que for possível. Vamos lutar para que consiga fazer o 12.º ano.

Penso caber aqui um bocadinho daquilo que Pai Américo escreveu no livro *Barredo*: «(...) Vistas as coisas pela rama, fica-se com a impressão

Património dos Pobres

Sacrifício e alegria de ter uma casa

O «Bairro dos Gaiatos» vai aumentando. Estão em acabamento mais quatro habitações. Todas elas primorosas.

Sempre que passo o dia de sábado nesta nossa Casa, vou por aí acima visitá-las e animar-me com seus donos, muito ofegantes, a aproveitarem bem todas as horas para que depressa as possam habitar; não só aos sábados, mas em todas as horas livres da semana. Não há tempo a desperdiçar!

A primeira que encontramos é a do Serafim. Já está pronta. Ele é tipógrafo. Com uma filhinha de poucos meses, têm vivido numa casinha de renda. Contraíram empréstimo e, alegremente, vão amortizando todos os meses. Sentem-se muito felizes no ninho maravilhoso que construíram.

A segunda, é habitada pelo Pedro «Caldas», esposa e filhinha. A casa era deficiente, mas o Pedro — com suas mãos trabalhadoras e habilidosas — transformou-a em airosa vivenda. Agora está a aumentá-la com nova cozinha e marquise. Tudo feito por suas mãos, em horas extraordinárias. Fica um encanto, rodeada pelas árvores e jardins que tem plantado e cultivado. O Pedro é carpinteiro.

A terceira, que será habitada daqui a poucos dias, é do Vítor, funcionário dos Correios. Não perde um minuto! Sabe fazer tudo. É engenhoso e com muito gosto. Tem vivido com a mulher e filhinha na residência dos sogros. Muitos dias de trabalho acabam, para ele, perto da meia-noite. Só o empréstimo que fizeram, não chega para aqueles acabamentos. — *Tem de ser com o suor do nosso rosto* — diz o Vítor, muitas vezes.

A última, que parece maior, é do Chiquito-Zé. Vai ali todos os dias nas suas horas livres. Quer saber e ajudar em tudo. Tem já os bataréus limpos e com árvores de fruta e sombra. Para ele tudo aquilo é um encanto. Espera que esteja pronta no fim do Verão. — *Tem boas condições para tudo*, diz ele. Tiveram de contrair já um grande empréstimo que, alegremente, esperam pagar. O Chiquito trabalha na Associação. Todos trabalham perto. As esposas ajudam em tudo o que podem.

Vale sempre a pena o sacrifício pela alegria de ter uma casa.

Padre Horácio

PENSAMENTO

A verdadeira hierarquia não destrói a igualdade baseada, como é, na identidade do ser. As categorias do Universo dão beleza ao mundo, como as sociais dariam justiça aos homens se estes se não afastassem e tomasse cada um o seu lugar.

PAI AMÉRICO

de que as maiorias fazem gosto de alimentar e conservar o Pobre na sua condição, tendo para isso na ponta dos dedos e a toda a hora o tostãozinho... Erguer, não. Ora nós estamos a erguer o Pobre. Melhorar a sua condição...» Como se pode ver, Pai Américo preocupava-se em elevar a condição de vida daqueles que visitava. Assim tentamos fazer nós, também.

SAIBAMOS REPARTIR O PÃO — Da assinante 21632, do Seixal, 9.000\$00. Porto, uma professora reformada, com 12.000\$00 por alma dos seus familiares. A assinante 9708, de Coimbra, enviou 13.000\$00. A todos muito obrigado.

Olga e Valdemar

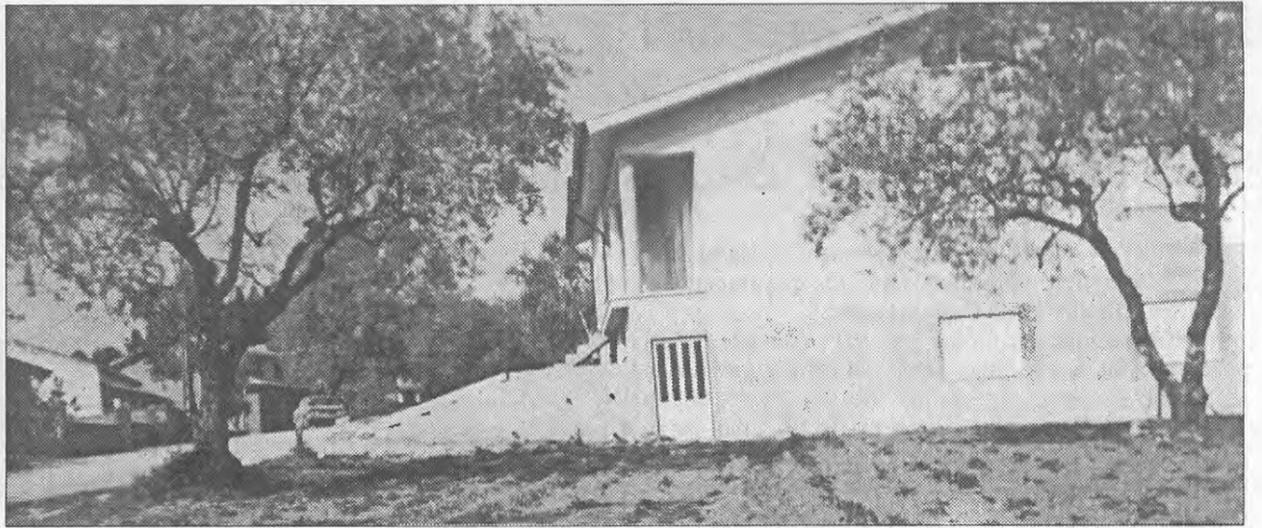
TOJAL

PISCINA — À sua volta continuam as obras e já começaram a lavá-la para ser utilizada. Estamos com saudades de uns bons mergulhos...

AULAS — Chegaram ao fim. O que está feito, está feito. Agora, só resta a ansiedade da saída das notas...

FESTAS — A nossa digressão terminou. Pudemos reaver muitos amigos e encontrar outros que ficaram a conhecer melhor a Obra da Rua.

Arnaldo Santos



Algumas habitações do «Bairro dos Gaiatos»

BENGUELA

Ansiosos por fazermos circular aqui «O Gaiato»

ESTOU ansioso por fazer circular O GAIATO pelas mãos das pessoas que o quiserem, sobretudo nesta zona de Benguela, Lobito e Catumbela. Até aqui não tem sido possível. É que a Obra da Rua tem uma mensagem a comunicar a todos. A mensagem não é dela, mas é de Quem a enviou. Acreditamos que nasceu de Deus no coração de Pai Américo. É para todos, Pobres, Remediados e Ricos. Queremos ser de todos. Dos Remediados e Ricos também, só na medida em que participam na tarefa específica confiada à Obra da Rua, por vocação divina, de ajudar os Pobres a ocupar o seu lugar na mesma mesa. Por isso, estou ansioso por fazer circular O GAIATO pelas ruas das cidades, até o receberem por assinatura.

A criança da rua continua a ser tratada em seminários por técnicos nacionais e estrangeiros. É um assunto que preocupa muita gente responsável. As que vivem na rua ou são da rua continuam a ser uma percentagem considerável das crianças de Angola. Também depende delas a paz social que se quer construir. Se toda a criança precisa de amor as vinte e quatro horas do dia, que dizer dos filhos da rua, para deixarem de o ser? Com que cuidados temos que andar, mesmo de carro, pelas ruas da cidade ou nas paragens, para não sermos roubados por elas? Custa-me muito ter de usar esta linguagem, mas é assim. Que fazer? É um assunto sério a tratar com a ajuda das forças vivas da sociedade civil, a começar pelos mais altos responsáveis da Nação angolana, as forças económicas, a Igreja com a sua experiência, os cidadãos comuns que sentem mais de perto este aguilhão. É preciso desenvolver a cultura da solidariedade. É

preciso o Homem Novo com mais rasgo e menos medo do dinheiro.

A criança da rua

Os seminários a propósito das crianças da rua e outras iniciativas são um bem. Enquanto chamam a atenção para este grave problema, os técnicos falam de coisas interessantes e úteis, despertam um certo entusiasmo, mas... — a vida? São um bem, não há dúvida, porque é um investimento na formação da pessoa, a primeira riqueza a criar no campo da criança. A da rua pede dedicação total de alguém que está ao serviço dela. Necessita de ter relações estáveis para refazer o seu equilíbrio. Precisa de ser acompanhada de modo estável ao longo do seu crescimento, porque é a partir do conhecimento mútuo que se pode fazer uma verdadeira ajuda. A

criança há-de sentir que é amada por ela mesma. Não há outros interesses de quem se lhe dedica. Por isso, a urgência da preparação humana para este trabalho. Este é o primeiro investimento a fazer quando se quer resolver o problema das crianças da rua ou em situação difícil, como é vulgar dizer-se. Depois das pessoas virão o dinheiro e as estruturas. Nada disto é fácil. É preciso coragem. É preciso dar-se. É preciso fé humana e divina.

Fé humana e divina de Pai Américo

Nestas obras de carácter social os meios pobres são os mais eficazes, no princípio e sempre. Quando pensamos em como nasceu a Obra da Rua, falo dela a título de exemplo, que

meios Pai Américo utilizou? Ricos, à maneira do pensar do mundo? Não. Primeiro, o seu testemunho de vida, animada pela força da fé humana e divina. O seu trabalho escondido, conhecido daqueles a quem servia. Sabia em Quem acreditava. Depois, a sua palavra marcada com o sinal da sabedoria da vida, que não dos livros nem das técnicas. A força dos meios pobres é a mais eficaz. Aliás, em obras deste género, que nascem e são para ficar, os chamados meios ricos servem com eficácia quando a mensagem nasce dum coração pobre.

Estamos bem. O paludismo é uma companhia inseparável desta gente. Também nos toca muitas vezes. Vamos resistindo, contudo. A nossa gratidão a todos os que nos acompanham.

Padre Manuel António

Livro «Cantinho dos Rapazes»

DESTA obra, reeditada, escolhemos uma preciosa nota de Pai Américo:

«O Cantinho d'hoje é feito para os de vós que possuem o seu pé-de-meia, em cadernetas. A Nação facilita este amor de cada um dos seus súbditos ao pecúlio. Ela é mãe e quer que os seus filhos sejam felizes. Ela estimula, até, por meio de um pequenino juro. Por outro lado a Obra da Rua é nacional; segue os mesmos princípios. Quer e procura dar a cada rapaz de boa vontade, a oportunidade de fazer o seu mealheiro.

Cada um de vós tem obrigação de se defender da miséria com unhas e dentes; e é agora que deve começar a fazê-lo. É hoje. É o caminho é o interesse pela sua caderneta. Sabeis que todos fogem dum miserável; nem por amigo nem por vizinho nem por nada o querem. Esta é a regra geral.

Quando vou pelos barredos, gosto sempre de levar um ou mais de vós comigo e por várias razões o faço, sendo uma delas para que vejais: Aquele rapaz de vinte e tantos; aquele homem de trinta e tantos que por vezes topamos em condições desesperadas — nem todos, nem sempre, podem, com verdade, culpar a sociedade pelo mal em que

caíram. Ganhavam bem mas gastavam tudo e, por vezes, mais do que aquilo que recebiam. Não foram previdentes. Caíram nos laços da miséria e agora são por ela consumidos. Os seus companheiros de ontem, perderam-nos de vista... Não aparecem. Para quê? Eles não têm nada!

Estes casos são frequentes, meus filhos. Tu podes muito bem vir a dar na mesma desgraça, mais tarde, se agora desperdiças.

Nem digas, então, que é a sociedade. É mais fácil culpar outros do que admitir a culpa. Não digas! É mesmo que o venhas a fazer, podes enganar, sim, mas não te enganas.

Trabalha, pois, pela tua independência racional, honesta, cristã. Tem vergonha de ser um peso morto. Os teus vinténs na caderneta háo-de dar-te audácia e valorizam as ocasiões.»

É curioso, o Cantinho dos Rapazes tem merecido oportuna reescusa em sectores da Imprensa que dão valor à pedagógica acção de Pai Américo, penetrando assim num mundo que transcende, obviamente, as páginas d'O GAIATO

Júlio Mendes

Moçambique

As Escolas serão inauguradas no próximo mês

ESTAVA tentado a escrever sobre a formação pelas micro-empresas dos adultos que trabalham, ligados a esta Casa do Gaiato.

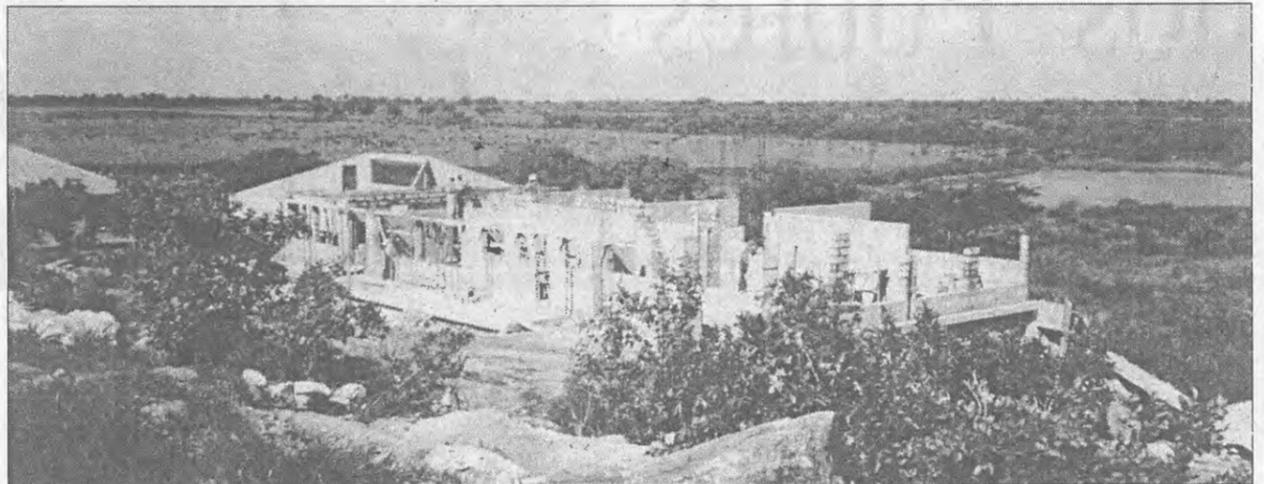
Prefiro falar do que mais nos toca. Daquilo que corresponde mais ao nosso ritmo, como um carro à pressão do acelerador.

São as nossas Escolas que no dia 16 de Julho, ou na proximidade, serão inauguradas. Ontem, sábado, à tarde, fomos de sala em sala, fazer o levantamento dos móveis que faltam. São cinquenta carteiras para que cada uma das oito salas fique fornecida adequadamente. Mas, muito mais: São treze mesas e cadeiras para os professores. Vinte e cinco carteiras pequenas para a pré-primária e primeira-classe. Móveis adequados para a secretaria, direcção da Escola e sala de professores. É o equipamento para a sala de audiovisual e laboratório de física e química. Tudo isso, só a partir de Julho poderá ser começado. Antes, e já começou, a oficina está a contas com janelas e portas para o recreio coberto e salão de actividades culturais, que nem telhado tem ainda, por atraso de empresa do madeiramento.

Tudo concluído, há outra remessa. É o aproveitamento dos sótãos. Na primária são doze metros por seis, com óptimo pé direito para um salão onde devidamente catalogados estarão todos os livros de consulta, na preparação das aulas, por parte dos professores. Na secundária outro salão, mais pequeno, onde haverá uma biblioteca de divulgação cultural para os rapazes mais dados à leitura.

Ter um lugar digno para acolher os nossos rapazes, já temos, e ensinamo-los a dar, todos os dias, graças a Deus, que através de muitas pessoas que só Ele conhece, lhes manifesta uma paternidade que eles nunca experimentaram, mas que é basililar para o seu futuro e de seus filhos.

Ter uma Escola para uma formação integrada, como é o nosso caso, no panorama actual de Moçambique, é um luxo. Não só pelos espaços funcionais e equipados devidamente, mas sobretudo pelo corpo docente, disciplinado, interessado na actualização constante, que prepara diariamente as suas aulas e é realmente capaz. Claro, não são certamente os melhores de Moçambique; mas, sim, os melhores para nós. O que não acontece nas Escolas das nossas Casas do Gaiato em Portugal, hoje, aqui, é realidade: Temos os professores que escolhemos e estou convencido de que nenhum quer trocar a nossa por outra Escola qualquer. Têm procurado adaptar-se às características especiais dos alunos, que de início são certamente difíceis e hoje, salvo raros casos pontuais, estão perfeitamente conscientes quer da especificidade da Escola como parte integrante da educação e formação humana que aqui se desenvolve, quer num âmbito mais alargado de referência necessária para os rapazes como padrão de vida com dignidade profissional e moral, que eles não poderão encontrar, para já, no mundo que os espera.



Os dois edifícios ainda em construção

E qualquer dia alguns terão de ir à luta. Já temos dois com vinte anos. Esperamos que o serviço militar, cuja lei ainda não foi discutida no Parlamento, já os não mobilize. Seria para eles uma tragédia. Esperamos que à sombra desta Casa, ainda possam avançar um pouco nos estudos, e sobretudo sedimentar bem tudo o que têm aprendido, cresçam e amadureçam. Tudo fazemos como se de nós dependesse, mas eles já têm ouvido afirmar, muitas vezes, que tudo depende do querer de cada um. E Deus nos oiça quando Lhe dizemos que todos estamos nas Suas mãos.

Padre José Maria

Calvário

Continuação da página 1

— Sabem, eu não sou dessa religião.

Confusos com a inesperada evasiva, voltam-me as costas e seguem o seu caminho de angariadores de fundos.

Não sei o que pensaram estes senhores. Eu disse a verdade. A minha religião consiste em visitar e acolher as viúvas e os órfãos nas suas necessidades, como aconselha S. Tiago. Há

décadas que assim tem sido e não é agora que ela vai virar o rumo. Moderação nestas festas não faria mal a ninguém, antes pelo contrário. O bom senso exige-a, mas falta coragem para impor.

Por isso, o barulho prossegue. Os foguetes estalam. Todos se mostram felizes no adro. Todos regressam vazios na alma.

Padre Baptista

Festas

Continuação da página 1

Em Azeitão e nas Cabanas de Palmela, os gaiatos voltaram a ser aplaudidos e tratados ternamente pelos incansáveis grupos apoiantes e pelas direcções das respectivas salas.

Não queremos privar da comunhão no segredo da Alegria os vizinhos da nossa Casa e o espectáculo estará também em Algeruz, no palco do nosso salão de festas, no dia 22 de Junho, pelas 17 horas.

Voltaremos a Setúbal, ao Auditório da Anunciada, satisfazendo o apetite daquela Comunidade católica, do seu Pastor — o Padre Vieira — e daqueles Amigos da Cidade que não puderam gozar a alegria dos Gaiatos, no dia de S. Pedro com uma *matinée*.

Padre Acílio

21 de Junho — 21,30 h., Sociedade Filarmónica União Seixalense, AMORA-SEIXAL.

22 de Junho — 17 h., Salão de Festas da Casa do Gaiato, ALGERUZ.

28 de Junho — 17 h., Teatro José Lúcio da Silva, LEIRIA.

29 de Junho — 21,30 h., Auditório da Anunciada, SETÚBAL.

4 de Julho — 21,30 h., Sala de Espectáculos dos Salesianos, CASCAIS-ESTORIL.

Miranda do Corvo

Há poucas horas, chegámos das Festas da Beira. Covilhã, Fundão e Castelo Branco acolheram-nos como dantes. A saudade de voltarmos, era evidente. Testemunhá-lo, encheu-nos de gozo interior. Que pena, em Castelo Branco, o Auditório do Instituto da Juventude não levar, ao menos, metade do Cine-Teatro da Covilhã...! Mas o que interessa, na verdade, são os corações. Esses, donos de um espaço infinito — o amor pelos Gaiatos — não caberia em lado algum... Nas capas, quinhentos e trinta mil escudos. No jantar servido na Escola Preparatória Afonso de Paiva, muita ternura. Não virá longe o dia, decerto, em que voltaremos ao antigo Cine-Teatro de Castelo Branco...

As Festas vão continuar em Tomar, Arganil e Coimbra. Que pena, em Coimbra, depois de termos batido a várias portas, nem mesmo tivéssemos conseguido o Gil Vicente... Iremos para o Salão Polivalente de S. José. A exiguidade que, porventura, se encontrar no espaço há-de ser superada pela simplicidade do coração que sempre encontramos no meio daquela gente e do seu Prior. Assim, estaremos em Arganil, no Cine da Misericórdia, dia 20 de Junho, pelas 21,30 h. Em Tomar, 21 de Junho, pelas 21,30 h., também. Finalmente, em S. José, 27 de Junho, pelas 21,30 h. Esperamos continue a ser um reencontro de família.

Padre João

20 de Junho — 21,30 h., Cine da Misericórdia, ARGANIL.

21 de Junho — 21,30 h., Salão dos Bombeiros, TOMAR.

27 de Junho — 21,30 h., Salão Polivalente de S. José, COIMBRA.

Voz decidida e firme de Pai Américo

Continuação da página 1

Eis porque nos últimos anos as nossas Casas são constantemente procuradas pelos serviços oficiais para admissão de rapazes de treze anos e mais — idade evidentemente imprópria para uma adaptação que teria de mergulhar raízes na afectividade para que a vivência na Instituição seja efectivamente a de quem enfim encontrou um lar e as seguranças múltiplas que ele representa.

É certo e confirmado por muitas experiências que o rapaz, vindo nesta fase crítica da sua vida, só pega em nossas Casas, se tiver uma consciência amadurecida da sua situação anterior e se quiser libertar dela — e, por isso, for ele a optar por esta oportunidade. Ora é tão difícil e raro este equilíbrio numa tal idade e ainda mais por todas as perturbações passadas, por todos os vazios que se foram acumulando e

cavaram um imenso abismo dentro deles!

Foi esta semana o derradeiro apelo de um departamento do Instituto de Reinserção Social, dos vários que chegam por carta ou por telefone: O F. tem dezasseis anos e a segunda-classe. «Reside actualmente com os progenitores e dois irmãos» (...) «Os vínculos educativos, expressos pelos progenitores, são claramente incipientes e erróneos devido ao alcoolismo do pai, práticas educativas agressivas e incapacidade de ambas as figuras paternas. Também o exemplo dos irmãos não é edificante no sentido positivo para o menor (sê-lo-á no sentido negativo?)» (...) «Assim, continua a parecer aconselhável a sua admissão em Instituição, o que é da concordância do Serviço da Segurança Social e nosso, como última hipótese de 'nortear' o comportamento do F.»

Resumindo e concluindo — como o nosso Povo diz: «Desde sempre sujeito a um modelo educativo lacunar, incipiente e erróneo a vários níveis (...) actualmente F. não tem qualquer projecto de vida nem obedece aos progenitores. Como última hipótese (...) vem-se solicitar o internamento do menor, o que é da concordância do F. e dos pais».

Eis o documento: F. «desde sempre sujeito a um modelo educativo» que não foi capaz de o fazer homem (nem dava lugar a esperanças com tal contexto familiar!) só agora, aos dezasseis anos, com unanimidade quadripartida (ele incluído) vê tomada a decisão pela «última hipótese». Pois que fosse a última, mas tinha de ser atempada!

Agora restará ao I.R.S. um dos seus catorze colégios espalhados pelo País, os quais, no tempo em que se chamavam reformatórios, prestaram bastantes bons serviços.

Padre Carlos